

## POESIA E PROSCRIÇÃO EM ALEJANDRA PIZARNIK

Paullina Lígia Silva Carvalho (UEPB)

**RESUMO:** Alejandra Pizarnik (Buenos Aires, 1936-1972), poeta, tradutora e crítica literária argentina, filha de imigrantes judeus de origem russa e eslovaca, constrói um universo poético marcado pela experiência da proscrição que emerge tanto dos temas que compõem sua obra - como, por exemplo, as ausências, os silêncios e as esperas - quanto na própria organização semiótica de uma linguagem cindida entre os abismos da existência e a opacidade dos signos linguísticos. Propomos, aqui, recuperarmos uma interlocução entre o lugar de desterro da consciência poética e certas práticas hermenêuticas judaicas em torno da palavra e do divino. Para debatermos as questões que se colocam em torno da poesia e do judaísmo, por um lado, no que diz respeito à tradição hermenêutica de origem judaica, propomos como referencial teórico um diálogo com o pensamento do escritor Amós Oz (2015), tendo-o como fundamento para uma discussão acerca da figura de Deus e das construções de sentidos para si e para o outro que os judeus estabelecem com/na palavra; por outro lado, no âmbito da teoria e da crítica literária, compreendemos que as discussões propostas por Derrida (1995) e Deleuze e Guattari (2014) acerca de uma problemática para interpretar o Nome a partir de uma visão da teologia apofática e de uma concepção de escrita enquanto rastros e literatura menor podem nos viabilizar uma abertura crítico-metodológica para enigmática obra poética pizarnikiana.

**Palavras-chave:** Poesia. Proscrição. Judaísmo.

### 1. Introdução:

#### Sólo un Nombre

alejandra alejandra  
debajo estoy yo  
alejandra

(PIZARNIK, 2011, p.65)

Flora, Buma, Blímele, Sasha, Alejandra. A multiplicidade de nomes próprios adotados pela escritora, poeta, ensaísta e tradutora, Alejandra Pizarnik, nos coloca diante de uma problemática central em sua poética: a obliquidade ou polissemia do Nome. A experiência do nome próprio indica, aqui, conforme as palavras de Deleuze e Guattari (2009, p. 51), “a apreensão instantânea de uma multiplicidade. O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade”. Trata-se, portanto, de uma experiência da linguagem que, atravessando o campo da escolha individual de um simples nome, compreende as possibilidades das relações sógnicas que a poesia estabelecerá no campo estético e ético que estão nas tradições literárias e religiosas judaicas (escrita e oral).

A duplicidade do Eu ou, em outros termos, uma problemática da identidade dos signos evocada na poesia pizarnikiana colocará em evidência questões de cunho místico-religiosos e teológicos comuns ao universo hermenêutico judaico e às narrativas da bíblia hebraica, suscitando um modo de fazer literatura/poesia condizente com os lugares de marginalização cultural, linguística e religiosa, a saber, a condição de imigrante judia vivenciada e ficcionalizada pela poeta argentina. Tais questões em torno de sentidos nome e das capacidades da linguagem perpassam o campo estético e adentram ao universo ético e identitários que, conforme nos aponta Deleuze e Guattari (2014), são próprias dos escritores de literaturas ditas menores – a saber, como exemplo, outro autor de origem judia apontando pelos filósofos franceses, Franz Kafka – cujas produções de enunciados são agenciadores de coletividades desgarradas, ou seja, suas produções poéticas, por mais isoladas e lateralizadas, são, antes de mais, uma formação que tem a ver com as memórias coletivas e suas formações maquinicas de enunciação: a história, os mitos, a religião, a cultura, as formas de construção narrativa de si.

Das margens, desse lugar da mais profunda solidão e exclusão vivenciada por escritores e escritoras que se dispõem repensar os pertencimentos e sentidos operados pela própria comunidade linguística e cultural, ecoam uma multiplicidade de vozes esquecidas, silenciadas, invisibilizadas, lateralizadas pelas organizações hierárquicas das comunidades de massas e demais sistemas de estratificações rígidas. Enquanto exercício de resistência às diferentes formas de redução das singularidades do Eu e aniquilação da multiplicidade dos signos, a obliquidade do nome e a opacidade da linguagem operada pela/na poesia pizarnikiana tem como principal estratégia uma

semiótica de rasuras de seus referentes discursivos em poemas que estão sempre às voltas das ausências, das esperas e dos silêncios. Tais construções temáticas e semióticas são comuns ao campo hermenêutico judaico que se reconfiguram na poesia não mais como conceitos ou representações de pertencimentos identitários, mas, sobretudo, como ritornelos de intensidades que refletem formas de sentir os desamparos humanos, narrar e organizar os seus afetos em uma economia de valores linguísticos e culturais próprios do seu lugar de proscricão.

## **2. Poesia e Judaísmo: As aberturas da memória e os movimentos de uma escritura desterritorializada**

Para além do conceito, que pressupõe hierarquias de valores rígidos, a judaicidade na poesia é uma abertura aos devires de uma produção de enunciados que nunca pode ser vista de forma isolada, individual e desconectada de uma memória e corpo-social, embora o que se tenha como principal motor estético seja uma busca pelos sentidos extraviados. Nesse universo de proscricão do eu e dos signos linguísticos, há uma intensidade judaica que diz respeito ao lugar de desamparo social que ocupa a poeta e, também, as relações que estabelece com uma linguagem que proscrive a entrada de um significante dominante. Tal poética estabelece uma economia de signos que, conforme aponta a crítica de Deleuze e Guattari (2014), será regida como:

Uma máquina tanto mais social e coletiva quanto mais é solitária, celibatária, e que, traçando linha de fuga, vale necessariamente ela sozinha por uma comunidade cujas condições não estão ainda atualmente dadas: tal é a definição objetiva da máquina de expressão que, nós o vimos, remete ao estado real de uma literatura menor em que não há mais caso individual. Produção de quantidades intensivas no corpo social, proliferação e precipitação de séries, conexões polivalentes e coletivas induzidas pelo agente celibatário, não há outra definição. (DELEUZE E GUATTARI, 2014, p. 128).

Dentre as associações que a poesia pizarnikiana pode estabelecer com o universo semântico religioso judaico, destacamos as intensidades afetivas e as economias semióticas que estão na memória coletiva, nas construções narrativas, nas vivenciais, no tecido econômico, social e linguístico, enfim, nas mais variadas gamas de fluxos de sentidos que a escrita agencia e se apropria em suas conjunções com o mundo material e contingencial da língua e da cultura. O caminho aberto pela poesia, portanto, não é de

regresso e representação ao que seria uma falsa unidade abraâmica do pensamento hebraico, mas uma abertura às multiplicidades, devires e intensidades que estão nas narrativas míticas cujos movimentos nunca são monótonos, monológicos, harmônicos e homogêneos, tal como o pretenderam definir as interpretações ideologizantes dos sistemas hierárquicos religiosos de cunho dogmático.

Em *Sólo un Nombre*, poema que abre nosso trabalho, escrito em 1956 e publicado em *La Última Inocencia*, segundo livro produzido pela autora argentina, Pizarnik costura, ao que seria a marca de sua individualidade, o nome próprio, uma multiplicidade característica daquilo que seria uma multidão dissonante. Trata-se de uma problemática que nasce da obliquidade do nome e das dobras de uma identidade que, no contexto mitológico e teológico apofático da tradição judaica (escrita e oral), figuram a palavra e o divino como forças movidas pela heterogeneidade, ambiguidade e polissemia de suas formas e significados. Há Alejandra's que co-habitam e coexistem dentro do Eu-nome e signo-voz da linguagem poética. A primeira tensão que se coloca é de uma cisão do Eu e, em seguida, o fim da unidade semântica, do conceito-significado linearizante do signo, preso ao que seria os referentes discursivos rígidos. Como veremos mais adiante, tal construção dos sentidos para o Nome, no contexto narrativo da bíblia hebraica e de outros ethos judaicos, se dará pela relacionalidade dos falantes e não mais pela definição apriorística de signo-significado.

Como proposto por Jacques Derrida (2013), em *Gramatologia*, figura-se na poesia – e, aqui, incluímos a narrativa bíblica hebraica, tendo como premissa a potência poética do texto bíblico para além do contexto metafísico religioso – uma nova economia de signos que, contrariando o pensamento filosófico ocidental logocentrista organiza-se não pela homogeneidade dos sistemas fechados na própria referencialidade, mas com base na heterogeneidade de uma diferença cuja irredutibilidade recusa à unidade e a mesmidade de uma identidade fixa, impedindo, ao mesmo tempo, a estratificação do significante em uma ordem simbólica. Trata-se, assim, de uma experiência da linguagem composta por rastros, cuja semiótica aponta para falta de origem, o desgarro e a errância dos signos, ou ainda, de uma experiência da nomeação que, mais do que colonizar e delimitar significados, em uma terminologia deleuziana, podem nos indicar caminhos desterritorializados acerca do pensamento da língua, do eu e do divino.

Há vários exemplos na narrativa bíblica hebraica em que a experiência do nome indica multiplicações na genealogia, mas que também atravessam o campo mitológico e

alcança o historiológico, unindo o bio e o psíquico, o gráfico e o semântico, o estético e o ético. Enfim, nomear traduz um agenciamento de fluxos semióticos nas mais diversas direções, nomear é multiplicar, somar, criar aderências ao signo-nome que, antes de designar uma identidade e estabelecer funções, rompe com as cadeias de significados e intensifica as pluralidades dos sentidos. Dentre vários exemplos, destacaremos dois episódios em que a personagem de Deus, no livro de gênesis, muda os nomes de outras duas personagens igualmente importantes, do ponto de vista genealógico, narrativo e teológico da tradição hebraica, mas, também, fascinantes pela ambiguidade e paradoxos que somam, do ponto de vista poético. A saber, as figuras de Abraão e Jacó:

- 1) Abrão passa ser chamado Abraão (Gênesis capítulo 17, versículo 5):

Disse-lhe Deus: Abrão já não será teu nome, e sim Abraão; / porque por pai de numerosas nações te constitui.

- 2) Jacó passa ser chamado Israel (Gênesis capítulo 35, versículo 10 e 11):

Disse-lhe Deus: O teu nome é Jacó, já não te chamarás Jacó, porém Israel será teu nome. E lhe chamou Israel. / Disse-lhe mais: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, sê fecundo e multiplica-te, uma nação e uma multidão de nações sairão de ti, à tua descendência.

É interessante situarmos a passagem do texto bíblico a partir não apenas dos seus fundamentos religiosos historicizantes, mas, também, de elementos estéticos e éticos que permitem ao mito e ao poético funcionarem como organizadores sociais, mas, também, como dispositivos de afetividades e intensidades existenciais. Tendo em vista que nem sempre a narrativa bíblica e os signos linguísticos, de um modo geral, estiveram tutelados pelos dogmas religiosos e filosóficos, portanto, é cabível uma visão que a palavra e o divino performatizam formas de sentidos que são flutuantes, que nem sempre atestam uma unidade do real, que só as construções ideologizantes bloqueiam suas aberturas e esterilizam os conflitos hermenêuticos que inauguram. De um ponto de vista teológico oficial e metafísico historicizantes, Abraão e Jacó podem atestar as marcas de um povo que se une enquanto nação, coletividade homogênea e unidade fechada. Porém, o próprio movimento semiótico do mito impõe um problema da

unidade do Nome, ou seja, de sua identidade una e homogênea, traçando uma linha de fuga que percorre a multiplicidade, a heterogeneidade e a pluralidade de um nome que é figuração de reuniões, ajuntamento, de multidões.

Eis o caminho percorrido entre o poético e o judaico, tendo em vista as narrativas e as construções de sentidos desse último desde uma perspectiva apofática: das individualidades derivam-se pequenas coletividades desgarradas já anunciadas entre os mitos da bíblia hebraica enquanto multiplicidades, ou seja, pelas fraturas de suas identidades. A forma como a poesia, aqui apresentada, passa nomear e operar a linguagem é do próprio lugar de fora dos sistemas de interpretação fechados, em uma visada da linguagem lógica, Jean-Luc Nancy (2016, p.139), diria da “contrariedade e não da contradição: os dois citados em presença não se excluem, podem ser falsos ao mesmo tempo. Um não é a negação do outro, e o outro não é manifestação do um”. Os nomes próprios e os signos poéticos, no contexto da escritura pizarnikiana e das narrativas da bíblia hebraica, operam sentidos a partir de movimentos semióticos abertos à heterogêneses das singularidades múltiplas. Bloquear a pluridimensionalidade da palavra, em suas aberturas semânticas para materialidade sonora e simbólica da linguagem, não marca mais do que uma impotência conceitual e limitação ideológica. Dualizar as diferenças, portanto, é suprimir os fluxos semânticos que a palavra em sua abertura poética engendra e, conseqüentemente, deste modo, hierarquizar o mundo e as relações humanas em identidades fixas e excludentes.

A poesia pizarnikiana nos colocará diante de uma força imaginativa que recupera na palavra a pluralidade (sonora e semântica) já anteposta nas construções poéticas das narrativas semitas. O Eu poético, assim como no substantivo coletivo Israel, é uma Multidão de vozes dissonantes. Desse modo, a marca da judaicidade do Nome é tudo àquilo que se coloca contra a homogeneidade pacificadora dos paradoxos e contra a arrogância das culturas que soterram e rebaixam as muitas possibilidades de se constituir sentidos para além dos conceitos-significados fixados hierarquias. Em uma perspectiva apofática, a experiência do nome (ou do divino) e da poesia é o “que continua aberto, questionável, suspenso, indeciso, absolutamente aporético”. (DERRIDA, 1995, p. 28). Ou seja, o poético é tudo que se faz ausência de significado, mas não vazio de sentido. A história da poesia e do nome é a recusa dos referentes rígidos, impostos tanto pelos gêneros fixos quanto pelas identidades unas.

A questão das fraturas da identidade judaica e contingências dos sentidos em torno da experiência do nome é intensamente visitada no livro *Os judeus e as Palavras*,

escrito pelos autores Amós Oz e Fania Oz-Salzberger (2015). No capítulo 4, intitulado “*Cada pessoa tem um nome ou os judeus precisam do judaísmo?*”, da referida obra, encontramos um mote alegórico do que seria essa experiência judaica em torno do nome próprio cuja marca do sentido é vista como uma construção partilhada por diferentes indivíduos. O nome próprio abre-se, assim, à multiplicidade de identidades assumidas por um sujeito que não se assujeitará a homogeneidade de uma unidade. Há, nessa dinâmica da construção dos sentidos que se dá entre os falantes de uma comunidade, uma ressonância de vozes plurais que singularizam o que seria a escolha/experiência individual do nome próprio.

Descobre-se que há três nomes pelos quais a pessoa é chamada,  
um pelo qual seu pai e sua mãe a chamam  
e um pelo qual as pessoas a chamam,  
e um que ela conquista para si mesma.  
O melhor de todos é o que ela conquista para si mesma.

(Anônimo)

O sentido de identidade entre Judeus, portanto, tal como foi revisto por Amós Oz e Fania Oz-Salzberger (2015), detém os traços de uma ambiguidade que está na comunidade judia e nas narrativas bíblicas hebraicas, assim como o é, de modo geral, o ambíguo um elemento constitutivo da existência. Na poesia e na literatura, a oralização intrínseca as produções de memória coletiva é o que melhor apresenta uma estratégia de escrita cuja abertura prevê, no inacabado dos sentidos que se dão nas relações entre os falantes e combinações de signos, a potência semântica e a resistência às dominações culturais e políticas. A singularidade que se distingue pela pluralidade também atravessa a natureza contraditória das personagens que estão nas narrativas bíblicas e alcança as experiências de escrituras seculares de autores judeus modernos. Nesse contexto de produção de sentidos que são de ordem linguística, cultural e religiosa, a maior necessidade é de não encerrar as possibilidades de nomeação e circulação de diferentes interpretações que estão na vida dos signos e das relações humanas.

Alguns dos maiores escritores hebraicos do começo do século XX rebelaram-se contra a identidade judaica coletiva marcada pela religião. Foi um motim contra aquele substantivo abstrato abrangente

yahdut (judaísmo). Ao se rebelarem dessa maneira, sentiam-se judeus até os ossos. (OZ e Oz-Salzberger, 2015, p. 163)

Nada mais judaico do que o sentimento de proscrição entre os que fazem a sua comunidade religiosa, linguística ou literária. Aqui, o sentido da judaicidade é, antes de qualquer coisa, uma intensidade e uma afetividade movida pelo princípio de desterritorialização dos corpos, dos espaços, das consciências. A poesia percorre essas linhas de fugas que preveem o enfraquecimento de uma identidade fixa em prol de um devir das pluralidades. Agenciadora de coletividades desgarradas, o discurso poético e bíblico é uma potência do Devir-multidão. Devir-minorias. Devir de uma coletividade marcada pela heterogeneidade das singularidades dos solitários, dos párias, dos exilados, dos perseguidos, dos pobres, dos errantes. Em suma, dos que se colocam de fora dos sistemas, por isso, possuem potência de exercer a força contrária a toda dominação e massificação dos sentidos individuais.

Tal como Deleuze e Guattari (2009) propôs, aqui, nos é possível pensar o sentido da coletividade judaica enquanto bando marcado pela não-fixidez de suas identidades, a saber, o exemplo da matilha, em que os lobos assumem táticas de sobrevivência sempre revendo suas posições dentro do grupo e do espaço, sempre desterritorializando seus pertencimentos. Alejandra Pizarnik encenou todos esses dilemas estéticos e éticos em sua experiência poética, mas também em sua biografia pessoal. Filha de imigrantes judeus, viver e escrever no idioma dos argentinos foi como encarnar a mais profunda contradição: ser estrangeira em sua própria terra natal. A partir dessa tensão, colocada entre o ser judia e o ser argentina, se estabelecerá uma experiência de busca pelos sentidos extraviados, pelo idioma que fará o espanhol dos argentinos falar a sua própria língua de expatriada. Ofício poético pizarnikiano, portanto, voltar-se-á para recupera a polifonia dos signos linguísticos à medida que faz poesia uma figuração da ambiguidade que permeia sua consciência existencial marcada por toda sorte de assimetrias que a condição de escritora latina e judia permite. Em *El Infierno Musical* (1971), último livro publicado em vida, Pizarnik (2011, p. 264) aponta para pluralidade das vozes que constitui sua escrita-memória poética:

“No puedo hablar con mi voz sino con mis voces.”

Assim como a figuração do Eu nos colocou diante de um problema da unidade da identidade, o próprio conceito e funções da linguagem é revisto pela poeta ao longo

de sua obra. Constituída de ecos e equívocos, a linguagem poética pizarnikiana é sempre oriunda de outras margens, na qual podemos ouvir Alejandra, principalmente, a partir de três perspectivas: Alejandra em seu devir-animal (figurações da loba), Alejandra em seu devir-estrangeira (sentimento de desamparo) e Alejandra em seu devir-morte (tema-obsessão de sua vida-obra). Cindida pela multiplicidade dos tempos e dos espaços, a linguagem é multifacetada por diferentes fluxos semióticos que dão conta desse movimento que faz das individualidades uma potência de resistência coletiva, tal como observamos entre os mitos semitas.

Em diferentes episódios, a escritura poética de Pizarnik manteve um estreito laço com sua vida e, mais especificamente, com a tradição judaica matizada tanto nos temas que perfazem seu universo poético (as ausências, os silêncios e as esperas) quanto semiotizada nos modos como a linguagem poética passa operar relações de sentidos a partir de uma economia de signos regida pelos valores pertencentes à condição dos povos proscritos. Semiótica de rastros, a poesia recusa encerrar as relações significas na unidade dos significados. Eis, mais uma vez, uma potência de resistência da linguagem poética que nasce do encontro com as forças dissonantes que mobilizam os textos literários da bíblia: o sentido da palavra e do divino enquanto a experiência que nos colocam sempre no inacabado, na indeterminação das buscas *ad infinitum*.

Buscar é visto como uma experiência que coloca a consciência poética na abertura dos devires, do desejo e do desconhecido. Tal qual a experiência mística judaica de busca e desejo por alcançar a Terra Prometida, a poesia pizarnikiana é peregrinação nesse deserto de busca pelos sentidos prometidos pela linguagem.

## BUSCAR

No es un verbo sino un vértigo. No indica acción. No quiere decir ir al encuentro de alguien sino yacer porque alguien no viene.

(PIZARNIK, 2011, p. 344)

Mesmo ao negar seus pertencimentos imediatos, a poeta acaba por recuperar certa ancestralidade das relações de sentidos que estão na musicalidade, no ritmo, nas tonalidades sensíveis da memória afetiva e na materialidade da palavra que, de certo modo, é um registro das vivências, dos desejos, dos medos, de todas as contingências que cerceiam a existência. Em sua escrita íntima, datando de uma página de 1964 de

seus diários, a poeta argentina rememora os vestígios de uma canção judaica como figuração de seus sentimentos de desamparo e proscricção. Trata-se de dois curtos versos de uma canção que, recitados em diferentes passagens de sua escrita íntima e também poética, soa quase como um mote ou pensamento obsessivo ao longo de seus textos. Para dizer como Derrida (2013), os versos dessa canção são verdadeiros rastros de presenças cindidas pelo esquecimento, mas nos permite, mais uma vez, entrever essa ligação da escrita poética com fragmentos de vozes que estão na memória e nas relações afetivas da autora com a tradição judaica. A saber:

Hoy, al despertar, retorno a mí una canción judía que me apasionaba a los ocho o nueve años. La tataba y cantaba sin considerar su texto. Hoy volví y supe que lo que más me había conmovido era esto: 'adónde iré. Golpeo cada puerta y cada puerta está cerrada'.

(PIZARNIK, 2012, p.178)

Os “rasgos judeus”, como se referiu Alejandra Pizarnik aos movimentos operados por sua poética, são verdadeiros *ritornelos* nos quais a experiência da proscricção poética parece agenciar o sentimento de minoria, de exclusão, de errância e marginalidade vividos pelos judeus em suas tragédias literárias e biográficas. As impossibilidades de a linguagem poética nomear, sempre em voltas de sua abstração e opacidade, configurarão na poesia pizarnikiana os abismos que sondam uma consciência de mundo semita. A poesia é coisa feita de sentidos infinitos como o é a memória das canções judaicas que retornam e iluminam o presente poético que, por sua vez, faz falar as outras vozes, dos excluídos e dos esquecidos.

Em seus últimos anos, Pizarnik, em sua escrita íntima, relata acerca de uma consciência de mundo, cada vez mais, marcada pela proscricção que sua condição de judia e filha de imigrantes impôs ao seu fazer poético. Ora vista como força motora de sua poesia, ora encarada como impossibilidade de integração ao sistema linguístico e comunidade literária, a judaicidade surge como signo de resistência de uma consciência de mundo em busca de lugares alternativos de produção discursiva.

Soy judía. De esto se trata. Hace mucho que se trata solamente de esto. No soy argentina. Soy Judía. Este descubrimiento me obliga a impedir movimientos esenciales de me naturaleza: buscar verdugos. Mi padre y el sufrimiento de mi raza me avisan que los desafié, que, si hace falta, me vuelva yo verdugo. No puedo prolongar la cadena de esclavitud, de suavísima sumisión. Y, no obstante, temo con un terror nuevo que esto sea una nueva trampa que me tiendo. Acaso quiero adjudicar a mi ser judío esta imposibilidad absoluta de entrar en la

comunidad argentina que integro nominalmente. (PIZARNIK, 2012, p. 434)

Em Pizarnik quanto maior o sentimento de exílio, maior é será a potência de sua poética. A obstinação que move a consciência poética acometida pelo sentimento do trágico faz com que a poeta sempre nos aponte linhas de fuga, de sobrevivência e resistência através da palavra. Não podemos esquecer que o exercício de resistência e de busca pelos sentidos vitais através das/nas palavras é uma experiência profundamente judaica. Segundo Amós Oz (2015):

Logo quando os judeus perderam Jerusalém e seu Monte Sagrado, ainda puderam levar consigo para a amarga Diáspora suas santidades não espaciais, intangíveis: a língua, as leituras, e o sempre recorrente, ciclicamente confortante calendário de “tempos santos” (OZ e OZ-SALZBERGER, 2015, p. 121).

A condição de desamparo social, político, religioso, estético-literário e afetivo-amoroso, vivenciada e narrada por Alejandra Pizarnik nos mostra que a palavra poética, a literatura, de um modo geral, foi sua grande arma de resistência e fonte de sobrevivência: “Hay que salvar, no a la flor, sino las palabras” (PIZARNIK, 2011, p. 353). A poesia recupera a cintilância do divino em tempos em que tudo mais, os sentidos e os deuses, se fizeram ausentes. Percebe-se, assim, que tanto a palavra poética quanto a narrativa bíblica prestam um importantíssimo papel de testemunho da vida e das relações humanas. Seja diante da poesia secular ou bíblica estamos lidando com estéticas da existência o que nos exigirá, portanto, uma compreensão da abertura dessas linguagens para todas as contrariedades e conflitos constitutivos da humanidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. *Salvo o Nome*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papyrus, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma Literatura Menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009.

NANCY, Jean-Luc. *Demanda: Literatura e Filosofia*. Florianópolis: Ed. UFSC, Chapecó, Argos, 2016,

OZ, Amós. OZ-SALZBERGER, Fania. Os judeus e as palavras. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PIZARNIK, Alejandra. *Poesía Completa*. Edição de Ana Becciu. Barcelona: Lumen, 2011.

\_\_\_\_\_. *Diarios*. Edição de Ana Becciu. Barcelona: Lumen, 2012.

\_\_\_\_\_. *Prosa Completa*. Edição de Ana Becciu Barcelona: Lumen, 2012a.